

MÍDIAS, EDUCAÇÃO E DIVERSIDADES: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO SHOW AMARELO, DE EMICIDA

Laís Cristina Resende Duque ¹

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7111-1371>

Daniele Januária de Almeida Silva ²

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6664-6398>

Débora Raquel da Costa Milani ³

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4650-8777>

RESUMO

A presença da tecnologia e das mídias no espaço escolar é desafiadora, ainda assim esses recursos estão presentes desde o consumo básico até o entretenimento das pessoas. Nesse contexto, este artigo busca trazer a mídia-educação como uma forma de linguagem a ser trabalhada em sala de aula na busca por ferramentas e abordagens que corroborem a educação antirracista e para as diversidades. Para aprofundar nossas análises e discussões do objeto de estudo, o show AmarElo, do rapper Emicida, gravado em 2019, utilizamos a análise de imagem como metodologia e importante recurso no trabalho com as mídias. Os resultados obtidos foram várias representações imagéticas de minorias, e algumas majorias minorizadas, demonstrando sua cultura, exaltando seus símbolos, religiosidades e sincretismos a partir de referências ancestrais africanas e brasileiras. Isso tudo, de acordo com as vivências nos diversos territórios que o rapper Emicida e seus convidados ocuparam até chegarem ao show do teatro Municipal de São Paulo. Logo, nossas reflexões são acerca da riqueza do material analisado, já que este traz, de forma concreta, manifestações culturais que enaltecem a cultura periférica. Além disso, traz as diversidades, a cultura africana, as diferentes maneiras de experienciar a religiosidade de cada um e o quão rica é a troca dessas vivências de forma descontraída ao som das músicas que utiliza não só da linguagem poética de suas letras, mas também, e principalmente, das imagens e de todas as mensagens contidas na produção visual do show AmarElo. Com isso, é notório destacar que o domínio da linguagem midiática é essencial para a emancipação dos estudantes.

Palavras-chave: Diversidade; educação não-formal; antirracista.

MEDIA, EDUCATION AND DIVERSITIES: CHALLENGES AND POSSIBILITIES IN THE SHOW AMARELO, BY EMICIDA

ABSTRACT

The presence of technology and media in the school space is challenging, but these resources range from basic consumption to people's entertainment. In this context, this article seeks to bring media education as a form of language to be worked on in the classroom in the search for tools and approaches that support education for diversity and anti-racism. To deepen our analyzes

¹ Mestranda em Educação sexual na Universidade Estadual Paulista (UNESP). Araraquara, SP, Brasil. E-mail: lais.duque@unesp.br.

² Mestranda em Educação sexual na Universidade Estadual Paulista (UNESP). Araraquara, SP, Brasil. E-mail: daniele.almeida@unesp.br.

³ Doutora em Educação Escolar docente e orientadora no Programa de Mestrado em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Araraquara, SP, Brasil. E-mail: drc.milani@unesp.br.

and discussions of the object of study, the show AmarElo, by rapper Emicida, recorded in 2019, we used image analysis as a methodology and an important resource in working with the media. The results obtained were several image representations of minorities, and some minority majorities, demonstrating their culture, exalting their symbols, religiosities and syncretisms from African and Brazilian ancestral references, according to the experiences in the different territories that the rapper Emicida and his guests occupied until they arrived at the show at the Municipal Theater of São Paulo. Therefore, our reflections are about the richness of the analyzed material, since it brings in a concrete way the cultural manifestations that praise the peripheral culture, the diversities, the African culture, the different ways of experiencing each one's religiosity and how rich it is the exchange of these experiences in a relaxed way to the sound of the songs, which uses not only the poetic language of its lyrics, but also and mainly the images and all the messages contained in the visual production of the show AmarElo, concluding then that the mastery of media language is essential for the emancipation of students.

Keywords: Diversity; non-formal education; antiracist.

MEDIOS, EDUCACIÓN Y DIVERSIDADES: RETOS Y POSIBILIDADES EN EL ESPECTÁCULO AMARELO, DE EMICIDA

RESUMEN

La presencia de tecnología y medios en el espacio escolar es un desafío, pero estos recursos están presentes desde el consumo básico hasta el entretenimiento de las personas. En este contexto, este artículo busca acercar la educación en medios como una forma de lenguaje a trabajar en el aula en la búsqueda de herramientas y enfoques que apoyen la educación para la diversidad y el antirracismo. Para profundizar nuestros análisis y discusiones sobre el objeto de estudio, el programa AmarElo, del rapero Emicida, grabado en 2019, utilizamos el análisis de imágenes como metodología y recurso importante en el trabajo con los medios. Los resultados obtenidos fueron varias representaciones de imágenes de minorías, y algunas mayorías minoritarias, demostrando su cultura, exaltando sus símbolos, religiosidades y sincretismos a partir de referencias ancestrales africanas y brasileñas, según las vivencias en los diferentes territorios que el rapero Emicida y sus invitados ocuparon hasta llegaron al espectáculo en el Teatro Municipal de São Paulo. Por lo tanto, nuestras reflexiones son sobre la riqueza del material analizado, ya que trae de manera concreta las manifestaciones culturales que exaltan la cultura periférica, las diversidades, la cultura africana, las diferentes formas de vivir la religiosidad de cada uno y cuán rica es la intercambio de estas experiencias de manera relajada al son de las canciones, que utiliza no solo el lenguaje poético de sus letras, sino también y principalmente las imágenes y todos los mensajes contenidos en la producción visual del espectáculo AmarElo, concluyendo entonces que el dominio del lenguaje mediático es fundamental para la emancipación de los estudiantes.

Palabras clave: Diversidad; educación no formal; antirracista.

INTRODUÇÃO

Partindo da ideia de que os professores são essenciais na mediação do uso das mídias em sala de aula, é necessário que esses também sejam formados para que ampliem as possibilidades de cumprir o objetivo de desenvolver criticidade e reflexão, uma vez que não é novidade o quanto ainda os cursos de formação não dão conta de abarcar todas as possibilidades de trabalho em sala de aula. Conforme alerta Araújo (2004):

não basta introduzir as mídias na educação apenas para acompanhar o desenvolvimento tecnológico ou usá-las como forma de passar o tempo, mas é preciso que haja uma preparação para

que os professores tenham segurança, não só em manuseá-las, mas principalmente em saber utilizá-las de modo seguro e satisfatório, transformando-as em aliadas para a aprendizagem de seus alunos. (ARAÚJO, 2004, p. 66)

Nesse contexto, novas competências são exigidas dos professores, já que a escola passou por transformações em sua dinâmica de uso das tecnologias. Torna-se, pois, necessária a adequação dos professores que atuam diretamente com os estudantes, para ampliação das possibilidades de formação com foco em uma prática que tenha como base a aprendizagem efetiva e significativa.

Notório o quanto é necessário que a educação incorpore novas linguagens, novos saberes, formas de ensinar e aprender, novas práticas educativas com foco na formação do ser humano de modo integral. Dessa maneira, além de assimilar os conteúdos propostos, o indivíduo pode ser capaz de intervir conscientemente no meio em que está inserido, em um movimento protagonista, em que o estudante participa, opina, faz intervenções e constrói conhecimento com a mediação do professor, ultrapassando a ideia de uma educação como reprodução de conhecimentos e comportamentos. Segundo o UNICEF (BRASIL, 2002):

[...] a participação é um direito do adolescente que implica a possibilidade de (i) manifestar sua opinião, (ii) intervir com sua ação e (iii) garantir com sua avaliação que as políticas a eles destinadas pelos serviços, programas e benefícios sejam estruturadas de acordo com suas necessidades e interesses. Essa participação implica um processo de diálogo permanente em que o que deve prevalecer não é uma opinião isolada, seja do adolescente, seja do adulto, mas o resultado de diferentes visões acomodadas num consenso construído com respeito de ambos (BRASIL, 2002).

Para Fantin (2005, p. 1-2), se as pessoas estão sendo educadas de certa forma através de imagens e sons, por programas de televisão e tantos outros meios, cabe à escola pensar sobre a potencialidade desses recursos, uma vez que as mídias participam como elementos importantes no que diz respeito às práticas sociais e no processo de construção de significados que integram diferentes formas de ver o mundo.

Considerando a relevância da aprendizagem enquanto ferramenta de transformação e o uso das mídias como recurso de reflexão, é mister discorrer sobre a importância das mídias voltadas para um trabalho antirracista no espaço escolar, visto que na atualidade é possível aos professores fazerem uso desse recurso de forma planejada e intencional para atingir seus objetivos de caráter pedagógico. A utilização correta das mídias em sala de aula, com foco reflexivo, pode garantir possibilidades que promovam o desenvolvimento de habilidades, despertando o protagonismo e a autonomia dos estudantes, de maneira que adquiram cada vez

mais condições para saírem do papel de meros receptores e passem a ser analistas críticos e reflexivos.

Nesse sentido, Girardello (2002) afirma que é urgente e necessário que os estudantes e professores sejam ensinados e capacitados para terem condições de apreciar e receber criticamente o que assistem, com foco no processo reflexivo, a fim de tornar a sua compreensão mais rica.

Nessa perspectiva, o show *AmarElo*, de Emicida, gravado em 2019 no Theatro Municipal de São Paulo, é sem dúvida um valioso material para ser utilizado em sala de aula. Consiste em uma rica reflexão sobre diversas dimensões envolvendo história, sociedade e religião, pontos nevrálgicos quando se trata do racismo no Brasil.

A liberdade para o conhecimento é, ao mesmo tempo, fruto de ação e inquietude frente aos moldes e modelos direcionados histórica e socialmente como prontos e acabados. *AmarElo*, portanto, pode ser considerado como um espelho para a atuação docente e é nessa direção que propomos pensar, de maneira especial, porém, não unicamente, assim como ocorre em outras diferentes manifestações artísticas – que não pretende fechar-se na exclusividade de um contexto – em que professores e alunos deparam-se com problemáticas importantes não somente no interior das escolas (RONCOLATO et al. 2020).

O presente, portanto, trabalho propõe uma análise do show *AmarElo*, utilizando como metodologia a análise da imagem, como forma de exemplificar o uso reflexivo da linguagem da mídia-educação nas práticas pedagógicas. Assim, os professores poderão reconhecer o potencial dessa abordagem, irão se emancipar no domínio dessa linguagem e assim essa ideia será disseminada na forma de aula, trazendo benefícios para a aprendizagem de todos os estudantes que conseguirem mobilizar a partir da mídia-educação.

REFERENCIAL TEÓRICO

A partir da reflexão sobre o fato de as mídias serem pertencentes da nossa sociedade e cultura atual, é importante analisarmos quando e como podemos aproveitar esses recursos para expandir os horizontes do estudante com quem temos contato, sempre objetivando fazer com que esse indivíduo conquiste autonomia suficiente para construir um pensamento crítico sobre os assuntos que vivencia e sobre o território que ocupa (GADOTTI, 2005).

De um ponto de vista construtivista, evidencia-se o papel do professor enquanto mediador de conhecimento técnico e científico. Todavia, para além disso, o professor que está na sala de aula tem plena consciência de que é imprescindível conquistar seus estudantes, a fim de, a partir desse vínculo, ter a devida atenção para

apresentar os conteúdos necessários, como foi apontado por Zabala (1998) e Miras (1999). Esses conteúdos, por sua vez, devem fazer algum tipo de ligação com os conhecimentos que esses estudantes já possuem, só assim o processo de ensino e aprendizagem consegue se estabelecer e avançar de maneira significativa.

Nessa lógica, em que não só importam as vivências e o território em que os estudantes estão inseridos, mas também a atração que eles podem sentir pelos novos conhecimentos, é possível pensar na educação não-formal, a qual não depende de toda sistematização do espaço escolar para acontecer e pode, mesmo assim, ser uma ferramenta também pertencente a esse local.

Destacamos aqui a importância do uso de filmes, documentários, séries e, o que será nosso objeto de trabalho, um show de música veiculado por uma plataforma de streaming, como exemplos de educação não-formal que permitem aos estudantes ampliar seu repertório cultural e desenvolver crítica sobre o que está sendo apresentado. Como expõe Gohn (2006), "a educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadão do mundo, no mundo."

Com a utilização dessas ferramentas durante a aprendizagem dos estudantes, podemos trabalhar neles o consumo das mídias, de modo reflexivo e crítico, e não somente passivo e desprezioso. As produções midiáticas estão presentes em todos os momentos da vida atual e elas comunicam algo; não podemos ser inocentes diante delas, tampouco nos omitir e não trabalharmos, enquanto educadores, esse fato com o alunado. A publicidade, seja ela na forma de rótulos ou de campanhas mais rebuscadas e multimodais, também comunica, então é necessário estarmos alertas e, para além disso, estarmos atuantes a fim de garantir criticidade aos estudantes.

As reflexões feitas por Spinelli (2021) vão no sentido de que formar um cidadão crítico consiste tanto em fornecer aos indivíduos conhecimento de seus direitos e deveres quanto em prepará-los para ler e interpretar o que é comunicado socialmente. No que concerne às práticas de comunicação socioculturais, o consumo está inserido, então precisa ser campo de estudo, estar contemplado pela educação formal e não-formal. Dessa forma, ao compreender seu meio, os sujeitos desenvolvem sentido de pertencimento, até mesmo consciência de classe, tornando-se mais autônomos e críticos.

Todo esse contexto corrobora a ideia de que as imagens, as mídias comunicam; logo, para conseguirmos fazer uso da análise da imagem, desvendando signos e significados, é importante partirmos de um olhar mais apurado sobre o que nos é apresentado. Torna-se necessário observar o conjunto de signos, manifestações publicitárias, cores, entre outros elementos presentes na composição dessa mídia, que sirvam de subsídios para reflexões sobre o que julgamos ser relevante nesse processo

de análise, saindo do papel de mero expectador para outro, o de observador crítico. Ao explicar a metodologia de análise da imagem, Vicente (2000) afirma:

Observamos que não existe uma fronteira muito visível entre interpretação e significação. Durante o trabalho de análise interpretamos e, ao fazê-lo, desvendamos seus métodos de construção dos significados - na iconologia de uma forma, na semiótica de outra. De qualquer modo, após a realização da análise o objeto já não é mais o mesmo, não será percebido da mesma maneira como antes, porque ao analisá-lo ressignificam, atribuímos novos valores e signos. (VICENTE, 2000, p. 149)

Importante destacarmos aqui o reconhecimento do uso das mídias no processo de ensino e aprendizagem, não só como um instrumento de ensino, mas também como um campo do saber. As mídias são uma forma de linguagem, isto é, são usadas para comunicação de alguma mensagem, alguma ideia, podemos, assim, pensar primariamente nesse campo como pertencente às linguagens e, portanto, é um objeto de estudo da educação básica (CERIGATTO, 2022).

Alguns países como a França e a Inglaterra não só possuem programas de mídia-educação na educação básica, como são territórios de produção de conhecimento dessa temática, influenciando outros países da Europa, bem como alguns aqui na América do Sul. Na França existe um documento chamado "Le CLEMI (Centre pour l'Éducation aux médias et à l'information)" que sistematiza tudo a ser trabalhado sobre mídia-educação dentro do currículo escolar que envolve as disciplinas regulares, como um tema transversal e de um ponto de vista crítico. Na Inglaterra, o formato é diferente, pois há uma disciplina à parte e específica para mídia-educação.

Aqui no Brasil, a mídia é utilizada como ferramenta, principalmente relacionada aos movimentos sociais, porém ainda de maneira muito fragmentada, enfraquecendo o desenvolvimento da análise crítica dessas mídias e a implementação de políticas públicas que possam alterar esse contexto. Não obstante, é inegável que a população brasileira se informa, se diverte, se comunica e se relaciona através das mídias. Assim, é de fundamental importância que essa abordagem crítico-reflexiva chegue até às pessoas, com o fito de garantir um consumo e uma interação mais humana, saudável e construtiva com essa forma de linguagem e comunicação (CERIGATTO, 2022).

Na perspectiva da Teoria Crítica, explica Cerigatto (2022), a produção cultural teria também como objetivo produzir materiais que controlem o comportamento social por meio de produções de entretenimento garantidoras de um lazer fictício e que, com tal, o consumo seja estimulado, corroborando com a lógica capitalista.

Nesse sentido, desenvolver uma percepção crítica por parte da população espectadora desses produtos midiáticos não seria interessante ao sistema vigente.

Silva e Borges (2020), ao analisarem a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), identificam que as mídias são entendidas como uma nova forma de linguagem e comunicação e, dessa maneira, precisam ser valorizadas. Hoje os estudantes não precisam somente ler e se comunicar através das tecnologias analógicas, como a escrita usando lápis e caneta, mas também através dos meios virtuais e das diversas mídias inseridas no cotidiano da vida contemporânea. As autoras acrescentam ainda que essa é uma temática interdisciplinar e que expande o conhecimento dos estudantes, principalmente quando tratamos de linguagens, matemática e ciências da natureza.

É preciso mencionar um termo interessante no documento proposto pela UNESCO, o qual seja *media literacy*. Seu conceito seria algo próximo ao letramento diante dos produtos midiáticos, ou seja, o domínio e a democratização desses produtos para o usuário, que conseguiria ultrapassar a decodificação e o entendimento dessa forma de linguagem e comunicação. Também o usuário seria capaz de ter um olhar crítico-reflexivo, assim como produzir conteúdo usando essa linguagem.

Quanto à análise crítica das mídias, Cerigatto (2022) destaca alguns aspectos para os quais devemos nos atentar, são eles: linguagem, narrativa, contexto da produção, audiência ou público-alvo e representação. A partir deles é possível entender de maneira menos inocente e romantizada quais os reais objetivos dos produtos midiáticos, desde uma produção cultural-educativa até uma campanha publicitária, passando por rótulos de produtos e outras formas presentes no nosso cotidiano. As produções midiáticas veiculam ideologias fragmentadas da sociedade, ainda assim é um instrumento de regulação do comportamento, dos hábitos, das intenções e dos valores da população, por vezes reforçando estereótipos, disseminando preconceitos e padrões inatingíveis, o que culmina em projetos de dominação.

Diante desse cenário, o presente trabalho pretende expor algumas análises sobre o que é veiculado e comunicado através de uma mídia, sendo o objeto de pesquisa explorado o show musical *AmarElo*, de Emicida, exemplo de uso crítico-reflexivo de um produto midiático no ambiente escolar. Aqui não nos aprofundaremos em orientações de como, a partir dessas análises, novas produções por parte dos estudantes podem ser feitas, porque nos limitaremos às primeiras etapas do que indica a *media literacy*. Para que tais considerações sejam feitas, traremos a seguir alguns referenciais que fundamentam essas indicações, seguindo na temática das diversidades: cultural, racial, sexual, religiosa e social.

A mídia e os estereótipos no contexto das diversidades

Tomando como ponto de partida o fato de que os produtos midiáticos incluem não só mídias de entretenimento, como também os de consumo e, conseqüentemente, têm influência política, social e cultural, conforme Cerigatto (2022) apresenta, é preciso destacar que as ferramentas usadas pelas mídias são objetos de análise. As cores, por exemplo, têm a função de representar alguma mensagem que pode ser mais ou menos explícita.

Do ponto de vista da moda, podemos afirmar que as roupas são uma forma de linguagem e comunicação, por vezes é a maneira que identificamos agrupamentos identitários, isto é, uma demonstração de como a sociedade se organiza. Monteiro (1999) deixa evidente que "À primeira vista, a representação dos papéis é simbolizada exatamente pelo modo de se vestir [...]", ou seja, a roupa comunica *status*, classe social, intenção e desenha a identidade das pessoas. O mesmo vale para as cores. Cite-se, por exemplo, o trabalho de Heller (2020), no qual o foco foi a significação das cores. Heller pediu às pessoas que atribuíssem uma cor a algumas palavras. Assim, foi possível perceber pelos dados como há ligação entre uma palavra e a cor que essa palavra remete, a exemplo do termo "paz", que majoritariamente foi relacionado à cor branca.

Nesse contexto, podemos pensar que desde muito cedo as crianças veem nas mídias e nos rótulos de diversos produtos as representações que farão parte do imaginário delas, podendo haver reforço de estereótipos, ratificação de preconceitos, atuação, de forma positiva ou não, na construção da autoimagem, enfim, influenciam na maneira que elas compreendem o mundo, já que têm acesso àquilo que é parte cotidiana de suas vidas.

Tome-se, por exemplo, a figura do "negro trabalhador braçal", que vemos na embalagem americana "Uncle Ben's", assim como a imagem da "mãe preta", "The aunt Jemima"; essa é uma reprodução racista e classista estampada em rótulos de arroz e panquecas nas prateleiras dos mercados nos Estados Unidos até hoje e ela está comunicando e disseminando estereótipos atribuídos à negritude, que historicamente é subjugada pela população branca. No mesmo sentido, a imagem da mulher negra enquanto "forte", "cuidadora", resistente e mantenedora dos lares, é construída e constantemente reforçada, inclusive também pelas mulheres negras. A autoestima e a identidade das pessoas negras se constroem a partir desse viés, dessas referências, de uma sociedade racista (Collins, 2019a).

Collins (2019a), a esse respeito, discorre sobre o caso de Michelle Obama, que se coloca como "chefe e mãe". Ela veicula e reitera essa mensagem, mas devemos

entender que esse padrão vai além dos estereótipos: ele alimenta nas meninas negras qual deve ser seu papel social, comunica como uma pessoa negra precisa se comportar e até onde ela pode chegar. Isso ocorre, pois, da mesma forma que meninas, meninos, mulheres e homens pretos estão recebendo essa mensagem, os brancos também estão. Isso determinará a forma com que brancos tratam as pessoas negras, criando assim um ciclo que se retroalimenta e mantém o poder centrado nos homens brancos.

Em conversa com a filósofa, escritora, ativista e fundadora do *Geledés*, Sueli Carneiro, havida no programa de podcast apresentado pelo rapper Mano Brown, é possível ouvi-la discorrer sobre como a sociedade é construída tendo o racismo como base, como os papéis são definidos de acordo com a cor e raça dos indivíduos e como a branquitude se beneficia disso e por vezes se exime de agir de maneira não racista para que, dessa maneira, mantenha seus privilégios (MANO A MANO, 2022a). Sueli durante episódio pode até parecer a muitos grosseira e ríspida, como por vezes o rap ou hip-hop foi e ainda é rotulado. Todavia, ela enfatiza que esse também é um estereótipo fomentado e alimentado pela branquitude, colocando o negro como alguém que sempre deve ser submisso e não imponente. O negro, consciente de seus direitos e de suas capacidades, incomoda quem não quer abrir mão de privilégios, então essa figura austera não pode ser de uma pessoa negra.

O podcast em questão é liderado, como mencionado, por Mano Brown, um dos vocalistas do Racionais MCs, grupo muito famoso na cena do rap nacional, sendo importante enfatizar que a figura de Brown está quase sempre associada a uma pessoa brava, fechada, carrancuda, marrenta, corroborando para o estereótipo citado por Sueli. Toda essa construção reafirma os papéis, as funções que a branquitude permite que os negros ocupem, mas produções como *AmarElo* e falas como a de Sueli Carneiro vão não só questionar esses estereótipos, como também construir novas referências (MANO A MANO, 2022a).

Nos episódios em que Mano Brown recebe dois repórteres, Cecília Olliveira e André Camarante, e no que recebe a filósofa Sueli Carneiro, é possível que ouvintes reflitam com os convidados sobre como o objetivo do Brasil República era "embranquecer" a população e, para isso, as pessoas que detinham o poder (leia-se: homens brancos e ricos) criaram leis e outros subterfúgios para criminalizar tudo relacionado à negritude em um processo de exclusão desses indivíduos da sociedade, não só por serem tratados como inferiores, mas porque esses corpos seriam encarcerados, eliminados do convívio social. Isso ocorreu e segue ocorrendo de modo latente nos nossos dias, visto que a violência reportada pelas mídias tem cor, classe social e gênero. A música, meio de expressão de arte e também de representação da realidade, no mais das vezes em forma de denúncia, deixa tal fato patente, desde o

samba até o rap. "A carne mais barata do mercado é a carne negra", por exemplo, verso de uma canção de Elza Soares de 2002, inspirada na violência das polícias militarizadas, denuncia quem são os alvos escolhidos pela opressão estatal e qual é o recorte sociorracial (MANO A MANO, 2022b).

Em um outro vídeo em que Patrícia Hill Collins é entrevistada na UFSCar, fica evidente sua preocupação sobre o desejo e os sonhos dos jovens negros. Em um trecho, ela chega a afirmar que o ponto não é sobre quem ou quais deles irão efetivamente realizar esses anseios, mas, sim, sobre até onde o imaginário deles consegue ir diante de tantas representações que minam a confiança e a autoestima da criança negra. Até onde uma criança consegue subjetivar sua identidade, sua figura, sua imagem, seu corpo fazendo parte da sociedade que a limita em lugares que ela não, necessariamente, escolheu estar (Collins, 2019b).

A partir do uso da mídia-educação enquanto linguagem, comunicação e representação de parte da sociedade e que é veiculada em larga escala atingindo o cotidiano dos nossos jovens estudantes, em busca de analisarmos o show *AmarElo* nesse panorama de questões antirracistas, diversas e inclusivas, faremos aqui a análise da imagem contida neste material, para servir como um exemplo, entre inúmeros possíveis, de uso crítico e domínio das mídias em sala de aula.

METODOLOGIA

A humanidade, de uma forma geral, foi e é marcada pela presença de imagens como uma forma de comunicação entre os seres humanos, que, desde os períodos mais remotos, sempre buscaram ferramentas que permitissem essa comunicação, como nas pinturas rupestres, por exemplo. Mas como podemos definir o que é imagem?

Para Martine Joly (1996), é difícil apresentar uma definição simples que seja capaz de abarcar todas as maneiras de empregar a palavra "imagem", porém em qualquer significado é possível compreendê-la, pois é algo que depende da produção de um sujeito, sempre passando por quem a produz ou quem a reconhece.

Partindo de sua complexidade, é importante pensar no uso dessa palavra em um contexto contemporâneo, uma vez que somos diariamente bombardeados por imagens em seus mais diferentes formatos, comunicando as mais diversas mensagens, o que gera uma necessidade de desenvolver criticidade para recebê-las. Como afirmou Vicente (2000):

Presentes na variedade de produtos culturais expressivos de determinada sociedade, as imagens possuem dois espaços determinantes para a sua percepção: o olhar de quem a produz, ou do autor, e o outro de quem a recebe. Sabemos que as percepções

aproximadas ou equivalentes podem ser provocadas pela contemporaneidade dos sujeitos, aqueles que compartilham do seu programa de produção. (VICENTE, 2000, p. 147).

Ainda segundo Joly (1996), é relevante destacar que a análise de uma imagem pode ter funções diferentes que vão desde proporcionar prazer a quem está analisando até aumentar seus conhecimentos, despertando um desejo de tentar compreender melhor, como uma criança que tira o foco do brinquedo em si e o direciona para o como ele funciona. Isso destaca que um trabalho de análise de imagem requer tempo e não pode ser feito de forma espontânea.

Estamos diante de um fato: a imagem comunica e nossa postura não pode ser indiferente. Nesse ponto, fica o questionamento: como aprendemos a analisar uma imagem, sua mensagem, os elementos que compõem um filme, um clipe, uma publicidade ou um documentário? Para além desse questionamento, avançamos para outro tão relevante quanto: em que espaço essa aprendizagem ocorre?

A escola poderia ser a primeira resposta de muitos, sendo esse um espaço onde ocorrem inúmeras interações, intencionais ou não, que resultam em um processo contínuo de aprendizagem. Nesse aspecto, Joly (1996) afirma que a imagem tem uma função pedagógica e pode ser uma maneira interessante de permitir ao espectador fugir da impressão de manipulação, podendo ser mediada e orientada; a análise de uma imagem é o resultado de interações e um grande trabalho de associações mentais que estão ligadas com o saber cultural e sociocultural do espectador.

Moran (2007) aponta para a necessidade de os professores utilizarem as mídias como forma de provocação capaz de gerar reflexão, para estimular o interesse dos alunos pelo tema que está sendo abordado, incitar a criatividade, encorajar a pesquisa e sair do papel de transmissor de conhecimento para a função de mediador desse, tornando a escola um espaço mais interessante e focando nas novas tecnologias como aliadas no processo de ensino e aprendizagem.

Uma boa análise parte da definição de objetivos, passo indispensável para elencar os instrumentos que serão utilizados para a análise. Pensando na importância desses instrumentos na definição do objeto da análise e suas conclusões, enfatiza-se sempre que não há um método absoluto para análise e, sim, opções que giram em torno dos objetivos previamente definidos (JOLY, 1996).

Acerca dessas reflexões, empreendidas por vários autores, o presente trabalho faz uso da metodologia da análise da imagem como recurso de pesquisa do nosso objeto de estudo, o show *AmarElo* de Emicida. Importante é destacar aqui que quando se faz uma análise da imagem, ela acontece de algum lugar, a partir de um território e de vivências experienciadas ali, então serão citadas, consideradas e empregadas vozes de representantes negros/as, registradas em programas

audiovisuais, acessados no YouTube, para que fique evidente o teor antirracista da produção examinada.

ANÁLISES E RESULTADOS

1. Análise da imagem a partir do show "AmarElo" de Emicida



Figura 1 – Imagens do show AmarElo. Fonte: Print screen do show veiculado na Netflix (2020)

O presente trabalho usa como objeto de pesquisa o show de Emicida intitulado *AmarElo*, que foi veiculado pela plataforma de streaming Netflix no ano de 2020. Esse show aconteceu no ano de 2019, no Teatro Municipal de São Paulo⁴, como fruto do último álbum do cantor adicionado a uma coletânea de músicas de toda sua carreira enquanto rapper. O espetáculo tem duração de 1h50, com direção do cantor Fred Ouro Preto e produção de Evandro Fióti.

O rapper Emicida atua não só como cantor, compositor e, como já mencionado, rapper, é também escritor e apresentador, com participação fixa em um programa semanal chamado "Papo de segunda" e tem livros infantis publicados,

⁴ O Theatro Municipal de São Paulo foi inaugurado em 12 de setembro de 1911. Idealizado nos moldes do teatro da Ópera de Paris, o Theatro Municipal foi pensado para proporcionar impressões artísticas vindas da Europa principalmente da elite cafeeira da época. Em 1922, foi palco da Semana de Arte Moderna recebendo importantes nomes da literatura, das artes plásticas e da música nacional estiveram no local, tais como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfati e Villa Lobos.

abordando a temática da diversidade racial e cultural. Seu nome de batismo é Leandro Roque de Oliveira, é um homem negro que cresceu na zona norte, periferia de São Paulo, com seu irmão Evandro e sua mãe Jacira; seu pai era alcoólatra e faleceu quando ele ainda era muito jovem. Hoje é casado com a apresentadora e podcaster Marina Santa Helena, com quem tem uma filha, Teresa, além de uma filha mais velha, Estela, de seu relacionamento anterior.

Essa descrição cabe enquanto contextualização do território em que o cantor está inserido e de onde ele parte, o que influencia diretamente em sua produção midiática, assim como terá um grande impacto sobre o que ele representa no imaginário das pessoas que o acompanham e assistem. Spinelli (2021), em suas reflexões, ressalta como é relevante conhecermos os espaços que ocupamos, inclusive utilizando as mídias para que isso aconteça. Collins (2019b) também sinaliza para a necessidade de veicular nas mídias histórias negras potentes, que ampliem o repertório das crianças, para que elas possam pensar nas pessoas negras para além do que as estruturas racistas constroem.

A apresentação acontece no teatro mais tradicional e elitista da cidade de São Paulo, a disposição dos músicos, do coral, do DJ e do cantor remetem ao cenário de uma igreja: os corais na lateral, os músicos do outro lado também na lateral, o DJ ao fundo no centro, e Emicida centralizado à frente, quase que com um púlpito diante dele, mas é somente o tripé do microfone, como é possível observarmos na primeira cena do conjunto que forma a Figura 1. Outro detalhe que deixa essa percepção evidente são as projeções de vitrais ao fundo, dando aos espectadores presentes e aos que assistem ao show pelo streaming a visão de estarem dentro de uma igreja cristã, que mistura signos protestantes e católicos em um só lugar.

A escolha do figurino dos músicos também é veículo de uma mensagem, de uma intenção. Como muito bem colocou Monteiro (1999), o *status* social é não só expresso pela roupa, como esta é também uma forma de identificação. Com isso em vista, o uso das roupas claras, com um plano de luz baixa e intimista, somados ao galho de arruda na orelha e vasinhos da planta espalhados pelo chão, o rapper emociona o público ao cantar e mencionar a importância do ato de resistência que é ocupar o espaço do Teatro Municipal e fazer parte da história.

O espetáculo ocorre dentro do teatro, mas não exclui quem não conseguiu ingressos para acompanhar a apresentação, pois do lado externo do prédio, em um telão, é oportunizado a quem quiser assistir ao show, para que todos cantem, se emocionem e participem de alguma forma desse momento. Aqui fica evidente a preocupação de toda equipe de Emicida em ampliar o acesso da população à arte, aquele produto midiático que comunica muito além de emocionar e entreter. Sueli Carneiro discorre sobre a complexidade que está envolvida na conquista de uma

pessoa negra e, segundo ela, um negro que conseguiu ocupar espaços que não lhe era permitido não basta, é preciso ir além, é mister possibilitar que outros negros também cheguem até ali. Então, de certa forma, Emicida oportuniza que outras pessoas negras, além da capacidade máxima do teatro, entrem e vivenciem com ele esse dia, essa apresentação (MANO A MANO, 2022a).

A comunicação através das roupas

A escolha das roupas do espetáculo *AmarElo* possibilita indicar a preocupação de comunicar a conquista que é estar ali naquele momento, naquele palco representando o povo preto e os movimentos negros que historicamente foram sempre invisibilizados, desumanizados e rebaixados a objetos e força de trabalho. Nesse sentido, a escolha das peças em cores claras e em tecidos de fibras naturais, como o linho e algodão, demonstram a intenção de transmitir uma imagem impecável daqueles músicos, distanciando-os da forma de servidão ou de trabalhos que exijam esforços físicos, como muitas vezes é a imagem que a branquitude veicula da população negra.

Essas escolhas de tecidos planos e tons claros traz uma ideia de nobreza, limpeza e destaque, uma vez que esse tipo de tecido amassa com facilidade e a cor clara deixa evidente qualquer resquício de sujeira. Como Monteiro (1999) evidenciou, a roupa é também uma forma de identificação do *status* social e dos papéis que as pessoas exercem na sociedade. O autor ainda afirma que a moda, na forma das roupas, se comporta como um código, e a língua nada mais é que um conjunto de códigos. Sendo assim, o vestuário seria como uma expressão em constante renovação de metalinguagem.

Aqui já podemos indicar um momento de intervenção na mídia-educação: será que os estudantes observam esse tipo de linguagem quando assistem a alguma produção midiática? Será que a roupa é algo que chama a atenção deles a ponto de ser também um veículo de comunicação intencional? As respostas não são fechadas, tampouco diretas ou fáceis, mas, segundo as indicações feitas por Joly (1996) e Cerigatto (2022), é nesse momento que a intervenção dos professores é primordial, já que o profissional deve levar o aluno a pensar criticamente sobre cada aspecto que ele está vendo. Caso contrário, será simplesmente uma análise superficial, e a produção continuará a cumprir uma função apenas de ferramenta de conteúdo e não, como recomenda a UNESCO no trabalho de Wilson (2013), com fins de expandir para um campo da educação efetivamente.

Seguindo a análise da imagem a partir das roupas dos integrantes dessa apresentação, podemos ainda trazer à tona a presença das culturas e religiões

africanas, com a exuberância das cores vivas e estampas, os grafismos pretos nas padronagens que inclusive aparecem nas projeções do show junto com os vitrais (como mostra a quarta e última imagem da Figura 1). Contudo, quando o assunto é repelir energias e vibrações ruins ou entendidas como negativas, quando o tema é purificação e iniciação espiritual, a cor branca predomina, assim como é a cor da entidade que representa as forças da natureza e da criação, Oxalá, que tem ainda diversos alimentos na cor branca que são associados a sua devoção.

Aqui também fica reforçada a ideia de que a roupa está sendo usada como parte da comunicação dessa apresentação e há ligação entre o dito e as crenças, pois o vestuário é usado como forma de sacralização em diferentes culturas e é uma ferramenta de criação de subgrupos representando a hierarquia entre eles (MONTEIRO, 1999).

As roupas brancas ou em tons claros não são exclusividades de uma ou outra religião, ou ainda de só algumas situações litúrgicas. Como essa cor, via de regra, apresenta o significado de purificação, honestidade e impecabilidade, grande parte das manifestações religiosas, desde o cristianismo até as religiões orientais, faz uso dela em momentos muito significativos que comunicam a pureza e o quão sagrado é quem as usa.

O rapper se coloca, junto com os demais artistas que compõem a apresentação, como alguém honesto, puro, sagrado e mensageiro do bem com a missão de comunicar mensagens pacíficas e poderosas. Fica aqui reforçada a ideia de que a comunicação midiática não é e não pode ser entendida como banal ou ingênua, pois ela explora informações e mensagens que são expressas em linguagens diferentes da falada e/ou da escrita, mas que ainda assim são essenciais para as pessoas compreenderem o território em que estão inseridas (SPINELLI, 2021).

A simbologia dos sagrados e das diversidades

Logo no início do vídeo dessa apresentação de Emicida, é estampado na tela um ditado lorubá sobre Exu e a ação dele sobre o destino e as pessoas: "Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que jogou hoje". A complexidade da cosmovisão africana representada aqui foi pauta da conversa do episódio do podcast MANO A MANO (2022c) com "Mãe Cici" e "Mãe Carmen". A fé do cantor usa esse ditado para representar e endossar que toda luta, todas as adversidades e obstáculos, para não dizer efetivamente sobre preconceitos, discriminações e violências as quais ele e os seus vivenciaram durante anos, permitiram a eles ocupar aquele lugar, produzir esse show e oportunizar que isso aconteça para mais pessoas que algum dia foram também marginalizadas por algum motivo. Aos que duvidaram de suas capacidades

ou que se incomodaram em ver pessoas negras tomando os espaços culturais, esses seriam o pássaro atingido pela pedra. É um ditado sobre destino, sobre fé e sobre ter um pensamento amplo sobre as ações cotidianas.

Retomando a disposição do palco e os vitrais presentes ao fundo, temos a sensação de estarmos em uma igreja. Essa sensação é ratificada quando em uma das músicas há uma gravação de uma introdução do pastor Henrique Vieira, trazendo uma mensagem de união, de "Elo", que junta, agrega e integra. Não apenas a presença do pastor durante a música "Principia", como a disposição das *backing vocals* no palco durante todo o show, nos remete aos cultos protestantes, principalmente os pentecostais de origem americana, que se expandiram por todo o Brasil e até hoje predominam nas regiões periféricas brasileiras e ganham cada vez mais espaço enquanto crença e prática dos fiéis brasileiros, como afirmou Almeida (2011).

As religiões cristãs muitas vezes são recursos que a população periférica, sobretudo a população periférica e negra, percebe rapidamente como estratégia de proteção, não somente proteção divina e sobrenatural, como também proteção de sua integridade física, de seus direitos enquanto seres humanos e que os permitem viver de maneira mais tranquila e possível no ambiente hostil e militarizado que é o Brasil. Em *Mano a Mano* (2022b), os jornalistas Cecília e André debatem sobre como os corpos negros são incansavelmente perseguidos, quando pensamos nas periferias, onde o Estado não chega senão na forma da polícia militar, essa perseguição fica evidente. Esse contexto é um dos vários fatores que dão espaço para atuação e expansão das igrejas protestantes, como aparece no trabalho de Almeida (2011). Para além disso, o racismo segue mantendo as religiões de matriz africana às margens, pois ainda são erroneamente associadas a práticas obscuras, resquícios de uma nação escravocrata que não educou seus jovens para não reproduzirem tais atrocidades.

Em sua fala no *podcast* *Mano a Mano* (2022c), "Mãe Ceci" conta algumas histórias relacionadas à origem dessas crenças e de como elas chegaram até o Brasil sendo resistência do povo negro capturado nas diversas nações africanas. O cantor Emicida, assim como a maior parte de seus músicos e equipe, cresceu nesse contexto, periférico, racista e que tem como referências o cotidiano desse território por ele mesmo chamado de "quebrada", onde a polícia, o crime organizado, as igrejas e a população convivem. Tudo isso está presente no palco de *AmarElo*.

Considerando esse contexto, principalmente a influência religiosa cristã que notamos na apresentação deste show, fica delicado tratar ainda nesse ambiente a diversidade sexual, ou trazer de alguma forma mais evidente a sexualidade como assunto, ou como participante desse espetáculo. Mesmo assim, Emicida entende que

esse precisa ser um palco diverso, que só a diversidade racial, social, cultural e religiosa que abordamos até aqui não seria suficiente. É preciso ter e expor um posicionamento de união e respeito aos corpos diversos, ainda que contrariando ou, pelo menos, colocando em questionamento as referências religiosas que também o formaram e fazem parte desse show. Para tanto, ele convida ao palco Majur⁵, uma mulher trans preta, e Pablllo Vittar⁶, uma drag-queen homossexual (ver Figura 1).

Elas não são as únicas a integrarem esse espetáculo. Além da própria banda que é composta por pessoas negras e mulheres, tentando dar conta de alguma paridade, há também outras participações que enriquecem a noite, MC Tha⁷, Drik Barbosa⁸ e Jé Santiago⁹. Jovens negros e periféricos que por vezes foram julgados por suas produções artísticas devido aos ritmos musicais que produzem fazem parte do show e trazem consigo suas lutas em cada verso cantado. A presença da intérprete de libras, durante todo o show, ainda reafirma a ideia de acessibilidade e respeito, detalhe muito relevante quando se está em uma apresentação que leva mensagem de luta e resistência por direitos.

Esses convidados colocam então em cheque todo discurso intimista e misterioso que a igreja propaga quando o assunto envolve a sexualidade e a expressão dela, assim como Dantas (2021) e Gomes (2014) retratam em seus trabalhos. Dessa forma, a sexualidade não é tratada livremente, ainda que seja um assunto que faz parte da formação integral dos indivíduos, que não precisa, nem deveria ser fiscalizada pela igreja através de confissões, como expõe Foucault (2014). O mesmo Foucault (2021) ainda afirma que as religiões na representação da igreja, enquanto tinha poder de Estado, eram usadas como forma de controle não só dos discursos, como dos corpos e da manifestação da sexualidade dos sujeitos. O palco de Emicida em *AmarElo* é espaço de voz e visibilidade de minorias, ou melhor dizendo, de maiorias minorizadas.

Ainda podemos destacar a presença predominante de corpos negros tanto no palco, como nos bastidores e também na plateia do show, contando ainda com a

⁵ Majur dos Santos Conceição nasceu em 21 de outubro de 1995. É uma cantora e compositora brasileira, suas músicas abordam temas como relações afetivas e empoderamento. Majur é um transsexual e se autodenomina como não-binária.

⁶ Pablllo Vittar nasceu em 1 de novembro de 1993. Cantora e apresentadora, destaca-se no cenário musical como uma artista *drag queen*. Vittar foi citada pela Forbes como "a *drag queen* mais popular do mundo".

⁷ Thais Dayane da Silva nasceu em 7 de maio de 1993. Cantora e compositora, é mais conhecida no cenário musical por MC Tha.

⁸ Adriana Barbosa de Souza nasceu em 21 de abril de 1992. Rapper, cantora e compositora, Adriana é mais conhecida no cenário musical como Drik Barbosa.

⁹ Jé Santiago tem 25 anos, nascido na região do ABC e iniciou sua carreira há 2 anos e já se destaca como uma revelação da música brasileira nos últimos tempos.

presença de representantes do Movimento Negro Unificado¹⁰, que em 1798, estavam nas escadarias desse mesmo teatro onde *AmarElo* foi gravado, realizando o que chamaram na época de Ato Público contra o racismo, como forma de denunciar o racismo diário vivido por pessoas negras no Brasil. Resgatar membros do Movimento Negro Unificado reforça a importância do protagonismo desse movimento na luta pela ocupação de espaços que foram pensados ao longo da história de nosso país para atender apenas a elite. Como afirma e reafirma Collins (2019b), esses corpos comunicam às nossas crianças onde elas podem chegar, os lugares que elas podem ocupar, a magnitude do que podem produzir e com o que elas podem sonhar. Parece uma ideia romantizada, mas com uma sociedade estruturada a partir do racismo e do patriarcado, isso significa muitas possibilidades abertas para pessoas diversas.

Diante de toda desumanização e objetificação a que a população negra foi submetida dentro e fora do Brasil, por exploradores cruéis que atuam até o momento atual para manter os homens brancos em cargos de poder e subjugar as pessoas negras, Emicida vem mudar essas referências, vem atualizar nossos jovens, onde estão as pessoas pretas, como elas devem ser tratadas e aonde podem chegar.

Nesse contexto, o jovem Leandro, hoje conhecido como Emicida, conseguiu não só sonhar, como chegar e ocupar o palco do teatro municipal de São Paulo. Teatro este destinado à elite branca paulistana, desde sua criação até os dias atuais, visto que os espetáculos que ali são apresentados requerem um capital cultural, ou um "habitus", como comenta Setton (2002) ao analisar Bourdieu, a que as classes menos favorecidas, ou os jovens marginalizados, em sua maioria negros, caçados pela polícia, não têm acesso. No entanto, o Emicida conseguiu. Com essa realização, Emicida leva junto consigo seu público que, apesar de supostamente não erudito o suficiente para assistir a uma ópera ou a um ballet clássico neste teatro, tem capital cultural para entender a mensagem de realização e a conquista que ele comunica com suas músicas. Mas não só: também com suas escolhas de produção e figurino, que levam junto a história e a ancestralidade formadoras do povo negro do Brasil que não "embranqueceu" nem foi eliminado como era da vontade da elite paulistana criadora desse teatro, mas que segue sendo, insistentemente, distanciada dele.

Aqui fica evidente a urgência de fomentarmos a utilização das mídias como campo da educação, como mais uma forma de linguagem e expressão, comunicação de intenções e mensagens. Se a arte erudita, complexa e entendida como rebuscada foi negada à população geral, limitada apenas à elite, e a arte

¹⁰ O Movimento Negro Unificado (MNU) é uma organização pioneira na luta e conquistas da população negra no Brasil. Nascida em meio à ditadura militar, 1978, a criação do movimento é marcada por uma manifestação que reuniu milhares de pessoas em frente ao Teatro Municipal de São Paulo.

popular, as músicas, os shows, as danças, a TV, o rádio, no momento atual, os streamings, as plataformas de áudio e vídeo chegam até pessoas marginalizadas e/ou socialmente desvalorizadas, então que elas tenham subsídios para compreender essa forma de se comunicar e que dominem esse recurso para transpor barreiras elitistas que lhes foram impostas.

CONSIDERAÇÕES

Podemos afirmar que *AmarElo*, na voz de Emicida, seus convidados, ocupando um espaço antes negado aos negros e com toda "mistura" de elementos de diferentes crenças e culturas, cumpre o seu objetivo: reparar a perda de imagem ocasionada pela colonização e escravidão, apresentando uma mensagem, ou melhor, deixando um legado que dá lugar ao sentimento de pertencimento à história. História essa "recontada" nesse show através desses corpos diversos e do sincretismo materializado no cenário da apresentação.

Considerando os filmes, documentários, comerciais publicitários, recursos importantes que podem ser utilizados como objeto de reflexão em sala de aula, é de extrema importância que os professores sejam mediadores no processo de análise do objeto que está sendo utilizado em sala de aula, sempre com foco em desenvolver criticidade, colocando o estudante em um movimento protagonista, capaz de analisar o que recebe, compreender, elaborar novas formas de ver, inferir seus conhecimentos prévios e construir novos olhares para esse objeto. Nesse sentido, Joly (1996) afirma que:

[...] a leitura da imagem, enriquecida pelo esforço da análise, se pode tornar num momento privilegiado para o exercício de um espírito crítico que, consciente da história da representação visual (na qual se inscreve), assim como da sua relatividade, daí possa extrair a energia para uma interpretação criativa. (JOLY, 1996 p. 155).

Para Vicente (2000), ao analisar uma imagem, pressupõe-se que escolhas precisam ser feitas e que essas acabam por determinar o melhor método a ser aplicado, sendo o campo a que se refere a análise de imagens, campo ainda que precisa ser mais explorado e desenvolvido. Nesse contexto, a interdisciplinaridade é uma grande aliada.

O trabalho de analisar imagens é um desafio para os profissionais da educação, uma vez que, ao se dar conta da importância dessa análise para o processo de reflexão e construção de novas aprendizagens, é responsabilidade do educador promover meios que levem os estudantes a fazerem análises críticas. Teixeira e Lopes (2003, p. 14) afirmam que:

[...] tal como a palavra escrita, a imagem precisa ser decifrada e compreendida, para dela melhor retirar toda a mensagem, para melhor usufruirmos seu prazer e para melhor nos precavermos contra suas ciladas. É, portanto, urgente exercitar os professores, como também os jovens, nossos estudantes, no seu manuseio. E nenhum outro local será, à partida, mais indicado para fazê-lo do que a escola. Nesse sentido, é urgente o trabalho educativo de formar e sensibilizar as novas gerações para a especificidade dessa linguagem, tanto para as suas potencialidades na leitura do mundo e da vida, quanto para os perigos e as armadilhas que ela comporta. De igual forma, é necessário despertá-las para o fascínio de sua magia, combatendo todas as formas de massificação de narrativas, contra todo o colonialismo de qualquer sistema de signos que se procure impor. (TEIXEIRA; LOPES, 2003, p. 14)

Ao levar recursos visuais para sala de aula, é necessário que professores ultrapassem a ideia do "vídeo pelo vídeo" e valorizem todos os elementos possíveis, apostando na análise das imagens como forma de construir e compartilhar novos saberes, possibilitando que o estudante amplie seu olhar para o que vê, para o que ouve e para o que recebe.

Na tentativa de levar para o contexto da sala de aula uma forma de análise mais complexa sobre recursos audiovisuais, os autores Roncolato e colaboradores (2020) propõem um olhar para as músicas do álbum *AmarElo*, do rapper Leandro, o Emicida, como forma de trabalhar questões envolvendo língua, trabalho, racismo e questões de gênero.

Para os autores, o álbum de Emicida abre diversas possibilidades de análise com foco inclusive na educação antirracista. Nesse sentido, Roncolato e colaboradores (2020) afirmam que:

A educação escolar e pessoal passa pelo mosaico de referências de nossas leituras, pelos laços que constituímos entre colegas, alunos e as interações sociais ao longo da vida. São encontros que estabelecemos e deveriam ocorrer, também por meio deles, os nossos aprendizados, para além das disciplinas, notas, aprovações e reprovações. Emicida é um artista que transita por essas vertentes e sua obra, como podemos notar em *AmarElo*, é um convite à reflexão. Sejam os atentos, portanto, à relevância de constituirmos parcerias, considerarmos a pluralidade de assuntos, pontos de vista, expressões e, especialmente, não ficarmos passivos e acrílicos em relação ao que é proposto/imposto como modo correto de compreensão. (RONCOLATO et al., 2020, p. 867-868).

Podemos afirmar, dessa forma, que os professores precisam estar atentos às possibilidades de se trabalhar com recursos audiovisuais em sala de aula, sempre com foco em mediar uma análise que leve o estudante a desenvolver criticidade, em um movimento de protagonismo ao receber o que lhe é proposto. Vale ressaltar a importância da formação docente para trabalhar com esses recursos de forma planejada, intencional, com objetivos claros quanto ao objeto que está em exame.

Com a análise desse show, como objeto de estudo, podemos evidenciar a necessidade de tratarmos as diversas mídias como campo de estudo para desenvolvermos reflexão e criticidade nos estudantes, para que, a partir do domínio dessa linguagem, possam compreender e atuar efetivamente nos espaços que ocupam, na forma que consomem e que interagem socialmente com essas mídias e formas de comunicação.

Por fim, vale ressaltar que mídia-educação pode funcionar como agente de transformação dos indivíduos em seus territórios, pode trazer pertencimento e favorecer a expansão de diversas culturas e mensagens produzidas por eles próprios, rompendo os limites dos discursos hegemônicos vindos de grupos dominadores, racistas, misóginos, lgbtfóbicos, elitistas e capitalistas, que não conversam com as várias realidades brasileiras.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho é uma expansão dos estudos feitos durante o programa de mestrado em Educação Sexual da UNESP - Araraquara, e apresentado no VI CBEPF 2022 - Congresso Brasileiro de Ensino e Processos Formativos. Sendo assim, agradecemos ao professor doutor Ricardo Desidério, que ministrou as aulas de análise da imagem e nos despertou para essa metodologia, assim como ao professor doutor Jackson Gois que nos sugeriu a participação nesta revista enquanto autoras deste artigo.

Agradecemos ainda a nossas famílias, colegas de turma e demais professores por toda compreensão, auxílio e companheirismo durante o curso das disciplinas, apresentação no congresso e produção deste artigo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. O que significa o crescimento evangélico no Brasil? **Le Monde - Diplomatique Brasil**. 1 de novembro de 2011, ed. 52. Disponível em <https://diplomatique.org.br/o-que-significa-o-crescimento-evangelico-no-brasil/>. Acesso em: 16 junho 2022.

ARAÚJO, M. I. A. de M. Uma abordagem sobre as tecnologias da informação e da comunicação na formação de professores. In: MERCADO, L. P. L.; KULLOK, M. B. G. **Formação de professores: política e profissionalização**, Maceió: EDUFAL, 2004. p. 63-82. Disponível: <https://repositorio.ufal.br/handle/riufal/1297>. Acesso em 19 novembro 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Relatório da situação da adolescência brasileira**. Brasília, UNICEF, 2002.

CERIGATTO, M. P. Experiências pedagógicas com mídia e educação: caminhos para superar a abordagem instrumental e desenvolver habilidades crítico-reflexivas sobre a

cultura midiática. **Educação em Revista [online]**. São Paulo, v. 38, p. e25791, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/qBMW9NJZWdS3SHhNjxJN7nn/?lang=pt> . Acessado 14 novembro 2022.

COLLINS, P. H. **Patricia Hill Collins explica PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO | #1 Imagens de controle [legendado]**. Youtube, TV Boitempo, 08 de março de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XVdbyhuAJEs> . Acesso em: 13 de junho de 2022a.

COLLINS, P. H. **Bloco de Notas - Patricia Hill Collins**. Youtube, ClickCiência UFSCar, 06 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hs9gQ8AmEYI&t=6s> . Acesso em: 13 de junho de 2022b.

CONHEÇA a história do centenário Theatro Municipal de São Paulo: Sede da Semana de Arte Moderna, o espaço completa 100 anos em setembro e é um dos grandes espaços culturais da cidade. **Subprefeitura da cidade de São Paulo-Sé**, 2011. Disponível em <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/se/noticias/?p=21873>. Acesso em 24 maio 2023.

DANTAS, B. S. do A. Sexualidade, cristianismo e poder. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 700-728, dez. 2010. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812010000300005&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 8 dezembro 2021.

FAHS, A. C. S. Movimento negro: história, conquistas e polêmicas!. [S. l.]: **Politize**, 2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimento-negro/>. Acesso em 24 maio 2023.

FANTIN, Monica. Novo olhar sobre a mídia-educação. **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação**, v. 28, 2005. Disponível em http://www.nuclear.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2005/novo_olhar_sobre_a_midia.pdf. Acesso em 24 maio 2023.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 11ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 1ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, M. A questão da educação formal/não-formal. **Institut International des droits de l'enfant (ide). Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion, Suisse**, p.1-11, 2005. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5633199/mod_resource/content/1/eudca%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20formal_formal_Gadotti.pdf. Acesso em 15 julho 2023.

GIRARDELLO, G. Aqui e lá: crianças do fim-do-mundo e o mundo pela TV. In: CORSEIL, A. e CAUGHIE, J. **Palco, tela e página**. Florianópolis, Insular, 2000. p. 336-356.

GOHN, M. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38. 2006. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/ensaio/v14n50/v14n50a03.pdf>. Acesso em 15 julho 2014.

GOMES, A. M. A. As representações sociais do corpo e da sexualidade no protestantismo brasileiro, **Revista de Estudos da Religião**. Nº1, p. 1-38, 2006. Disponível em http://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/p_gomes.pdf. Acesso em 15 julho 2014.

- HELLER, E. **A psicologia das cores**. 3ª edição. São Paulo: Gustavo Gili Brasil, 2020.
- JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Papirus editora, 1996.
- MAJUR. In: **WIKIPEDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Majur>. Acesso em 25 maio 2023.
- MANO A MANO: **Mano Brown recebe Cecília Olliveira e André Caramante**. Locução de: Mano Brown. Local: Spotify, 5 de maio de 2022b. Podcast. Disponível em <https://open.spotify.com/episode/0Bm3UOpUBCYAQm2ITpQMim>. Acesso em 13 junho 2022.
- MANO A MANO: **Mano Brown recebe Mãe Carmen de Oxum e Ebomi Cici de Oxalá**. Locução de: Mano Brown. Local: Spotify, 9 de Junho de 2022c. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6g2N24eGJ8P1UPoSuQTVRR?si=563240954864439>. Acesso em 19 setembro 2022.
- MANO A MANO: **Mano Brown recebe Sueli Carneiro**. Locução de: Mano Brown. Local: Spotify, 26 de maio de 2022a. Podcast. Disponível em <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrijmog0RkUnCPr> . Acesso em 13 junho 2022.
- MIRAS, M. *et al.* **Construtivismo em sala de aula**. São Paulo: Ática, 1999.
- MONTEIRO, G. A metalinguagem das roupas. **Comunicação, marketing, cultura: sentidos da administração, do trabalho e do consumo**. São Paulo, ECA/USP/CLC, p. 167-181, 1999. Disponível em <https://www.bocc.ubi.pt/pag/monteiro-gilson-roupas.pdf>. Acesso em 25 maio 2023.
- MORAN, J. Como utilizar as tecnologias na escola. In: MORAN, J. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. São Paulo: Papirus, 2007. p. 101-111.
- PABLO VITTAR. In: **Wikipedia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pablo_Vittar#2015%E2%80%9393. Acesso em 25 maio 2023.
- RONCOLATO, C. H. de B.; ALBUQUERQUE, K. D. I. M. DE S.; ALBUQUERQUE, A. B. *AmarElo* (2019), de Emicida: por uma pedagogia do encontro. **Revista Prática Docente**, v. 5, n. 2, p. 857-869, 2020. Disponível em <https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/download/436/427>. Acesso em 13 novembro 2023.
- SETTON, M. da G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, v.20, p. 60-70, agosto, 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/mSxXfdBBqghYyw4mmn5m8pw/?format=html&lang=pt>. Acesso em 13 novembro 2023.
- SILVA, D.; BORGES, J. Base Nacional Comum Curricular e competências infocomunicacionais: uma análise de correlação. Intercom: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação [online]**. São Paulo, v. 43, n. 3, p. 99-114, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1809-5844202035> . Acesso em 14 novembro 2022.
- SPINELLI, E. M. Comunicação, Consumo e Educação: alfabetização midiática para cidadania. Intercom: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação [online]**. São

Paulo, 2021, v. 44, n. 3, p. 127-143. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1809-58442021307> . Acesso em: 14 novembro 2022.

TEIXEIRA, I. A. de C.; LOPES, J. de S. M. **A escola vai ao cinema**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VICENTE, T. A. de S. Metodologia de análise das imagens. **Contracampo(UFF)**, Niterói, v. 4, p. 147-158, 2000.

WILSON, C. *et al.* **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores**. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

ZABALA, A. A. A. **Prática Educativa (como ensinar)**. Porto Alegre: Artmed.1998.